

A SEMANA – 201*

5 de abril de 1896

Quarta-feira de trevas contradisse este nome pela presença de um grande sol claro. Comigo deu-se ainda um incidente, que mais agravou a divergência entre a significação do dia e a alegria exterior. Eram onze horas da manhã, mais ou menos, ia atravessando a rua da Misericórdia, quando ouvi tocar uma valsa a dois tempos. Graciosa valsa; o instrumento é que me não parecia piano, e desde criança ouvi sempre dizer que em tal dia não se canta nem toca. Em pouco atinei que eram os sinos da igreja de S. José. Pois digo-lhes que dificilmente se lhe acharia falha de uma nota, demora ou precipitação de outra; todas saíam muito bem. O rei Davi, se ali estivesse, faria como outrora, dançaria em plena rua. A arca do Senhor seria a própria igreja de S. José, descendente daquele santo rei, segundo S. Mateus.¹

A valsa acabou, mas o silêncio durou poucos minutos. Ouvi algumas notas soltas e espaçadas, esperei: era um trecho de Flotow. Conheceis a ópera *Marta*? Era a *última rosa de verão*, – a velha cantiga *the last rose of summer*, – música sem trevas, mas cheia daquela melancolia doce de quem perde as flores da vida.² Não faria lembrar Jesus; antes imaginei que, se ele ali viesse, podia compor mais uma parábola: “O reino dos céus é semelhante a uma igreja, em cuja³ torre se tocam as valsas da terra; enquanto a torre chama a dançar, a igreja chama a rezar; bem-aventurados aqueles que, pela oração, esquecerem a valsa, e deixarem murchar sem pena todas as rosas deste mundo...”

Outra dissonância da quarta-feira de trevas, – mas desta vez a culpa é do calendário, – foi cair no dia primeiro de abril. Não consta que alguém fosse embaçado. A única notícia de que haveria aqui um terremoto, quinze horas depois de 31 de março,

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 96, p. 1, 5 abr. 1896), SEMMA (p. 304-308) e SEM1953 (v. 3, p. 144-149). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda. Esta crônica vem em duas colunas, e, ao pé de ambas, o texto em GN está danificado. Nessas passagens, valemo-nos da lição de Aurélio Buarque de Holanda.

¹ Mateus 1,1-16 e 2Samuel 6,1-15.

² *Última rosa do verão*: trecho da ópera *Marta*, do compositor alemão Friedrich von Flotow (1812-1883).

³ Na *Gazeta de Notícias*, o trecho entre “grande sol claro.” e “torre se tocam” falta em GN. O periódico que serviu de base para a digitalização está, em grande parte, danificado (rasgado). Nesse trecho, seguimos o texto de Aurélio.

não tirou o sono a ninguém, mormente depois que a gente de Valparaíso viveu de terror pânico os dias 29 e 30 daquele mês, por causa de igual fenômeno, igualmente anunciado. O pequeno tremor do dia 1, em Santiago, não prova nada em favor da profecia ou da ciência.⁴

Todos os peixes apodrecem, leitor; não é de admirar que os carapetões de abril, chamados peixes pelos franceses,⁵ venham a ficar moídos. Nesta cidade, em que há contos do vigário, ninguém já cai nos laços de abril. A princípio caíam muitos. O *Correio Mercantil* foi o primeiro, creio eu, que se lembrou de inventar prodígios, exposições, embarques, qualquer coisa extraordinária, na própria manhã daquele dia. Naquele tempo, se me não engano, havia só a folhinha de Laemmert.⁶ Os jornais não as davam, menos ainda as lojas de papel. Pouca gente se lembrava da fatal data. Os curiosos corriam ao ponto indicado para ver o caso espantoso. A princípio esperavam; anos depois, já não esperavam, mas passavam e tornavam a passar. Afinal era mais fácil não acudir a ver uma coisa real, que a procurar uma invenção.

Conquanto a credulidade seja eterna, é preciso fazer com ela o que se faz com a moda: variar de feitio. Valentim Magalhães⁷ variou de feitio, limitando-se a dar este título de *Primeiro de Abril* a um dos seus contos do livro agora publicado. É uma simples ideia engenhosa. *Bric-à-Brac*⁸ é o nome do livro; compõe-se de fantasias, historietas, crônicas, retratos, uma ideia, um quadro, uma recordação, recolhidos daqui e dali, e postos em tal ou qual desordem. A variedade agrada, o tom leve põe relevo à observação graciosa ou cáustica, e o todo exprime bem o espírito agudo e fértil deste moço. O título representa a obra, salvo um defeito, que reconheci, quando quis reler alguma das suas páginas, *Velhos*

⁴ Em telegrama de Santiago, datado do dia 27, publicado na *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 88, p. 1, col. 1, 28 março 1896), lê-se: “Em Valparaíso e seus arredores e nesta cidade e circunvizinhanças aumenta de modo assustador o pânico da população diante da profecia de um grande terremoto marcado para depois de amanhã. / Homens, mulheres e crianças abandonam os lares, fugindo em massa para o campo em busca de seguro abrigo aos efeitos da esperada catástrofe.” No dia 16 de abril de 1896, a *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 107, p. 1, col. 2-3) publicou na “Revista científica”, no rodapé do jornal, assinado por “Ômega”: “No dia 31 do mês de março, lendo a *Gazeta de Notícias*, levei um susto não pequeno, e, como eu, talvez muitos leitores. Um correspondente da *Gazeta*, baseado em certos cálculos, mais ou menos seguros, anunciava para o Rio de Janeiro um terremoto que devia manifestar-se 15 horas depois de 31 de março, aconselhando à pacífica população da capital que se refugiasse, quanto antes, em direção às praias. Já estava eu tratando dos meus preparativos de fuga, quando felizmente, ocorreu-me a ideia de que, 15 horas depois de 31 de março era o 1º de abril, dia especialmente reservado para as mistificações de toda sorte, e, pois, reconfortado e tranquilizado, por esta ideia, abandonei meus projetos de fuga, no que fiz bem, pois que, no dia imediato a própria *Gazeta* inseriu uma retificação, declarando que a comunicação era apócrifa.”

⁵ “Poisson d’avril, petite farce traditionnelle du 1^{er} avril.” (Ver em: <<https://www.dictionnaire-academie.fr/article/A9P3123>>)

⁶ “Folhinhas de Laemmert” eram impressões anuais com conhecimentos práticos e de leitura rápida, publicadas em grande tiragem pela Tipografia Universal, a partir de 1839. (HALLEWELL, 1985, p. 236-237)

⁷ Antônio Valentim da Costa Magalhães (1859-1903) publicou o livro *Bric-à-brac* em 1896. Machado de Assis registrou o lançamento da obra (nesta crônica) de forma “descompromissada, mas quase elogiosa”. (MACHADO, 2021, p. 337) Ver ilustração ao final desta crônica.

⁸ *Bric-à-Brac*] *Bricabraque* – em SEM1953 (nesta e na ocorrência seguinte).

sem dono, por exemplo; o livro traz índice. Um *Bric-à-Brac* verdadeiro nem devia trazer índice. Quem quisesse reler um conto, que se perdesse a ler uma fantasia.

A vida, que é também um *bric-à-brac*,⁹ pela definição que lhe dá Valentim Magalhães, (eu acrescentaria que é algumas vezes um simples e único negócio),¹⁰ a vida tem o seu índice no cemitério; mas que preço que levam os impressores por essa última página! Agora mesmo dão os jornais notícia de um carro fúnebre que chegou à casa do defunto duas horas depois da pactuada. Acrescentam que, ao que parece, o coche foi servir primeiro a outro defunto.¹¹ Enfim, que é um carro velho, estragado e sujo, não contando que a cova estava cheia de lodo, e que o custo total do enterro é pesadíssimo. Tudo isso forma o índice da vida; esta pode ser cara, barata, mediana ou até gratuita, mas a morte é sempre onerosa. Acusa-se disto a Empresa Funerária. Não pode ser; a culpa da impontualidade é antes dos que morrem em desproporção com o material da empresa. Fala-se do privilégio. Não há privilégio, há educação da liberdade; assim como foi preciso preparar a liberdade política, antes de a decretar, assim também é mister preparar a liberdade funerária.

Cumprir notar que tal queixa em tal semana é descabida. Tudo se deve perdoar por estes dias. Cristo, morrendo, perdoou aos próprios algozes, “por não saberem o que faziam”.¹² Não se trata aqui de algozes propriamente ditos, e pode ser também que a empresa não saiba o que está fazendo. Em todo caso, a queixa devia ter sido adiada para amanhã ou depois.

Faço igual reflexão relativamente ao juiz da comarca do Rio Grande, que, segundo telegramas desta semana, vai ser metido em processo.¹³ A causa sabe-se qual é. Não consentiu o juiz em que os jurados votem a descoberto, como dispõe a reforma judiciária do Estado; afirma ele que a Constituição Federal é contrária a semelhante cláusula. Não sou jurista, não posso dizer que sim nem que não. O que vagamente me parece, é que se o estatuto político do Estado difere em alguma parte do da União, é impertinência não cumprir o que os poderes do Estado mandam. Mas, de um ou de outro modo, creio que não foi oportuno mandar falar agora sobre processo nem censurar o magistrado antes de amanhã.

Esta questão leva-me a pensar que, se se não puder conciliar o voto secreto com o voto público, ou ainda mesmo que se conciliem, é ocasião de modificar a instituição, a ser

⁹ *bric-à-brac*,] bricabraque, – em SEM1953.

¹⁰ negócio),] negócio, – em GN; negócio) – em SEM1953. Neste caso, adotamos a lição de SEMMA.

¹¹ Na *Gazeta de Notícias* do dia 2 de abril de 1896 (ano XXII, n. 93, p. 2, col. 5), lê-se: “Chegou o carro fúnebre duas horas depois da hora marcada, alegando engano no endereço, mas na opinião geral porque havia alugado o mesmo carro para um outro enterro à mesma hora! E que carro fúnebre! Um desses veículos encarnados, velho e imundo”.

¹² Lucas 23,34.

¹³ A notícia pode ser lida em telegrama de 29 de março de 1896, enviado de Pelotas (RS), e publicado no *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 90, p. 1, col. 7) no dia 30 de março de 1896.

verdade o que dizem dela pessoas conspícuas. Na assembleia legislativa do Rio de Janeiro, o Sr. Alfredo Whately¹⁴ declarou há dois meses, entre outras coisas, que “em regra o júri é um passa-culpas.” Ao que o Sr. Leoni Ramos aduziu: “É muito raro que no júri, perguntando o juiz aos jurados se precisam ouvir as testemunhas, eles respondam que sim; dizem sempre que as dispensam.”¹⁵ Também eu ouvi igual dispensa, mas relativamente ao interrogatório do próprio réu. Foi há muitos anos. Interrogado sobre o delito, pediu ele para não falar de assuntos que lhe eram penosos, e os jurados concordaram em não ouvi-lo. Realmente, o acusado merecia piedade, era um caso de honra; mas dispensada a audiência do réu e das testemunhas, não tarda que se faça o mesmo ao¹⁶ promotor e ao defensor, e finalmente à leitura do processo, aliás penosíssima de ouvir, mormente se o escrivão apenas sabe escrever.



¹⁴ Alfredo Whately] Alfredo Whatheley – em GN, em SEMMA e em SEM1953.

¹⁵ Não localizamos as citações.

¹⁶ Na *Gazeta de Notícias*, a partir deste ponto, o jornal está danificado (rasgado). Nesse trecho, seguimos a lição de Aurélio Buarque de Holanda.



Valentim Magalhães

FONTE: Wikimedia Commons (<<https://bit.ly/3m20wIk>>).

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEMMA – *A Semana*, edição Mário de Alencar, 1922.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

Referências

- ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts, 1882.
- ASSIS, Machado de. A Semana. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 96, p. 1, 5 abr. 1896. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=13931>.
- ASSIS, Machado de. *A Semana*. Edição coligida por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, 1922.
- ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).
- ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.
- ASSIS, Machado de. *A Semana*. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.
- ASSIS, Machado de. A Semana. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.
- ASSIS, Machado de. A nova geração. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 2, n. 4, jul.-dez. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/926>>.
- ASSIS, Machado de. A Semana. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2003.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. Tradução de Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: EDUSP, 1985.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2021.
- VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.